

TIPOS DE AÇÃO SOCIAL: Instrumentos de interpretação de peregrinações católicas à Aparecida [do Norte] e viagens de adeptos da Congregação Cristã no Brasil.

TYPES OF SOCIAL ACTION: Instruments for interpreting Catholic pilgrimages to Aparecida [do Norte] and trips by followers of the Christian Congregation in Brazil.

André Luiz de Castro Mariano¹

RESUMO

Este artigo é um esforço para interpretar os tipos de “ação social” que estão presentes em dois dos maiores grupos religiosos de linha cristã no Brasil. Com base em pontos das teorias weberianas, o objetivo principal é refletir os deslocamentos de um grupo de peregrinos católicos que se deslocam anualmente para Aparecida do Norte/SP e também o de adeptos da Congregação Cristã no Brasil. Dos primeiros, a “ação social tradicional” e “ação social afetiva” se destacam. No segundo grupo a “ação social racional em relação a fins” e “ação social racional em relação a valores” parecem ser as que mais estão presentes.

Palavras-Chave: Tipos de ação social. Peregrinação. Deslocamento racional. Catolicismo. Congregação Cristã.

ABSTRACT

This article is an effort to interpret the types of "social action" that are present in two of the largest Christian religious groups in Brazil. Based on points from Weberian theories, the main objective is to reflect on the movements of a group of Catholic pilgrims who travel to Aparecida do Norte/SP every year, and also that of adherents of the Christian Congregation in Brazil. Of the former,

¹ Doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília); mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); e bacharel em Teologia, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).



"traditional social action" and "affective social action" stand out. In the second group, "rational social action in relation to ends" and "rational social action in relation to values" seem to be the most present.

Keywords: Types of social action. Pilgrimage. Rational displacement. Catholicism. Christian congregation.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país majoritariamente religioso de linha cristã. A maior parte da população declara-se católica. Algo que se explica, em parte, como uma herança da colonização portuguesa. Porém este cenário vem se modificando gradualmente. Entre a chegada protestantes calvinistas franceses, acompanhando Nicolas Durand de Villegaignon em 1555, até a chegada do protestantismo de missão no final do século XIX, protestantismo e Igrejas Reformadas marcaram presença no Brasil. Mas sempre de forma relativamente modesta. Contudo essa história ganha em intensidade e abre novas perspectivas com a chegada do pentecostalismo clássico no Brasil em 1910. Cem anos depois, no início do século XXI, o protestantismo no Brasil já tinha novas e diferentes faces e era denominado evangelismo. O Brasil, outrora um país quase que hegemonicamente católico, também se convertera num país evangélico.

Outro fato histórico neste cenário brasileiro envolve a chegada do pentecostalismo clássico em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil e em 1911 com a Assembleia de Deus. Ambas essas Igrejas são oriundas do pentecostalismo nos Estados Unidos da América, da Azusa Street, em Los Angeles.

O objetivo deste artigo é fomentar a reflexão com base em referenciais teóricos weberianos e da abordagem de dois grandes religiosos presentes no país, a saber, o catolicismo e o pentecostalismo clássico. A base empírica da reflexão são as peregrinações de um pequeno grupo de adeptos que uma vez por ano saem da cidade de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba, no Paraná em direção a cidade de Aparecida em São Paulo, pagar promessas, fazer pedidos à N. Sra. da

Aparecida e fazer turismo religioso, somados aos dados empíricos que vem do campo de pesquisa, envolvendo a Congregação Cristã no Brasil, sendo boa parte destes dados coletados no interior do Paraná (mas não apenas neste Estado). As pontuações e reflexões analíticas deste trabalho se apoiam também na antropologia interpretativa de Clifford Geertz somadas s perspectivas epistemos-metodológicas propostas por Max Weber.

O uso da Antropologia Interpretativa de Geertz (1978, p. 35) tem por objetivo dar aos atores sociais uma maior autoridade na construção interpretativa dos seus saberes. E, como propõe esse antropólogo, ver os atores em ação observando por sobre “seus ombros”. Para isto, levamos em consideração o entendimento do autor na forma de abordagem de conhecimento de uma cultura como sistema simbólico, partindo do princípio que, para este empreendimento, o importante não é o acúmulo de informações fornecidas por outros pesquisadores que se debruçaram sobre o mesmo objeto, mas sim, implementar incursões audaciosas sobre o mesmo. Neste contexto, o conhecimento pré-concebido serve apenas de ferramentas informativas para mergulhos mais profundos. Assim, a possibilidade de se alcançar o objetivo desejado, está na construção de um By-pass e não de simplesmente seguir além das teorias formuladas através de informações antes coletadas, ou seja, continuar de onde alguém parou.

Com Weber, o subsidio vem através do uso de seus conceitos de tipificações de ações sociais, irracionais e racionais. O primeiro grupo, composto pela ação social tradicional e ação social afetiva; e o segundo pela ação social racional com relação a fins e ação social racional com relação a valores. Além disto, nos termos de Weber (2015, p. 13-14), considera-se que todas estas ações sociais estão condicionadas a relação e comportamentos de outros. Estes outros, podem fazer parte de suas redes de relacionamentos, não obstante, necessariamente. Sendo assim, uma ação, se não estiver vinculada a outros, não é ação social.

Dito isso, de forma sintética, entramos nas quatro tipificações de ações, que estão divididas em dois grupos, com o objetivo de nortear nossa discussão. Portanto, no primeiro estão à ação social tradicional que tem a ver com aquilo que é realizado por pessoas ou grupos de pessoas de forma costumeira, rotineira, mecânica. Aquilo que a partir de um evento inicial, evolui para algo que passa ser feito “deste de sempre”. A ação social

afetiva tem haver mais com as emoções. São elas que subsidiam e impulsionam o indivíduo e/ou o coletivo. Já no segundo grupo, estão a ação social racional em relação a valores, que prevalece a crença consciente no valor como recompensa, na maioria das vezes vinculada a esfera de status. Por fim, a ação social em relação a fins, o sujeito da ação leva em consideração as expectativas e possibilidades reais de alcançar finalidades específicas, de forma sistemática e devidamente planejada.

Quanto às escolhas dos grupos – Católicos de Campo Largo e adeptos da Congregação Cristã no Brasil – foi em parte oportuna, e em parte estratégica. Oportuna, porque o tema da abordagem, peregrinações até então não estava em pauta, mas a possibilidade de contrapor o que entendemos ser uma peregrinação racional tanto em relação a fins, quanto a valores envolvendo adeptos da Congregação Cristã no Brasil (CCB), com peregrinações de um grupo de Católicos que viajam para visitar o Santuário Nacional em Aparecida (SP), anualmente, em uma caravana organizada pessoas conhecidas, membros da família Tomazina. Isto pavimentou uma passagem que viabilizou este empreendimento.

Na outra ponta, os dados vêm a partir do universo congregacional evangélico cristão (CCB), que, todas as vezes que existe um projeto de construção de um templo, sobretudo, em comunidades com menores recursos financeiros, pessoas vêm de variadas cidades, todos os finais de semana, acreditando ser uma espécie de pagamento de votos ao sagrado e/ou créditos futuros para com o transcendente, todas as vezes que estão trabalhando na construção de templos como pedreiros, carpinteiros, serralheiros e ajudantes de oficiais². Assim, este processo, mesmo que tenha características percebidas como espirituais, possui outras racionais, partindo do princípio que tais construções têm como finalidade a atender melhor a demanda de fieis e a expansão física da denominação, com inauguração a cada ano de 365 novos templos, ou seja, “inaugurar uma Igreja por dia”. Além disso, racionalmente, estar envolvido em uma construção arquitetônica de um templo é também dar às pessoas que

² Ajudantes são profissionais que possui técnica, porém, inferior a dos profissionais cuja especialização da a ele a capacidade de executar o trabalho. Cada um destes profissionais – ou seja, que possui um ofício – precisa de alguém que não possua técnica, para auxiliá-lo no processo de construção: pedreiros precisam de alguém para fazer e levar massa até ele; carpinteiros precisam de uma pessoa que segure as madeiras, lhe entregue as ferramentas e os insumos; serralheiros necessitam de ajudantes para esmerilhar, dar acabamento e pintar as peças fabricadas por ele; e assim sucessivamente.

estão trabalhando a possibilidade de aprender ou aperfeiçoar as profissões nas áreas citadas acima. Por outro lado, fazer parte da Obra de construção civil, possui características valorativas porque nada tira dos envolvidos o prazer e o status de ter participado da construção de um templo para abrigar “os servos de Deus”, aqui na Terra. Esperamos que estes primeiros parágrafos tenham dado ao leitor um panorama do assunto que será apresentado em seguida. Trata-se de um esforço em estar construindo mais um degrau na compreensão dos múltiplos processos de peregrinação, sobretudo, mais uma etapa na construção de conhecimento no tocante a Congregação Cristã no Brasil que é nosso principal objeto de pesquisa mais ampla onde este artigo se insere.

1. Como foi selecionada a peregrinação católica como objeto de pesquisa?

Possivelmente, a posição que ocupo fora da academia, como pastor de uma entre as muitas Igrejas do Evangelho Quadrangular que existem no Brasil – de uma comunidade com poucas pessoas, em uma cidade de aproximadamente 14.000 habitantes no interior do Paraná, ou seja, uma realidade bem diferente de algumas megas Igrejas, com templos imponentes e seus mais de 3.000, 5.000, 7.000 membros – se encaixaria muito melhor em se tratando da Congregação Cristã no Brasil, do que em um recorte envolvendo o catolicismo. Certamente que sim, se não fosse justamente à academia, que tem o poder que gerar inquietações, de romper com velhos paradigmas e abrir caminhos para novos outros, enfim, instigar o saber. Foi através deste contexto, que obtive mais uma demonstração do que significa liberdade.

Em 2005, justamente para iniciar o ministério pastoral, nos mudamos de Santos Dumont, no interior de Minas Gerais, para a capital paranaense, Curitiba. O percurso de uma cidade a outra, pode ser feito por pelo menos duas rodovias federais de Minas Gerais até São Paulo, sendo estas a Rodovia Fernão Dias e a Rodovia Presidente Dutra. Ambas na capital paulista dão acesso à rodovia Régis Bittencourt até Curitiba. Isto posto, nossas viagens por muitos anos, e pelo menos uma vez no ano, foram feitas de carro, sempre pela Rodovia Presidente Dutra, passando por São José dos Campos (SP), Aparecida (SP), entrando em Volta Redonda (RJ), seguindo para Santos Dumont (MG) e vice-versa: Santos Dumont, Volta Redonda, entrando na Dutra, Aparecida, São José dos

Campos, São Paulo, Régis Bittencourt, Curitiba. Nestas idas e vindas, sempre me chamou a atenção quando passávamos em Aparecida, a superestrutura surrealista em tudo que olha, até o dia que decidi passar lá para ver de perto e de dentro tudo aquilo que de longe me espantava. Realmente, trata-se de algo impressionante, não só o Santuário Nacional de Aparecida, mas a infraestrutura para receber dos peregrinos, os turistas religiosos e os curiosos como eu. Fiquei maravilhado com tudo: com os comércios de produtos dos mais variados, com os banheiros gigantescos e de alto padrão, que jamais havia imaginado existir, mas, sobretudo, com as milhares de pessoas, circulando entre a fé e as compras, pois por elas, e para elas, tudo que foi feito se fez. A cidade cresceu em volta da fé das muitas pessoas, e outras que perceberam neste nicho de romeiros e turistas religiosos uma forma de empreendimento rentável. Dito de outra maneira, a cidade tem sua economia aquecida por meio destes peregrinos que chegam e vão de Aparecida todos os dias nos chamados “bate e volta”, ou daqueles que se hospedam em hotéis por uma noite ou mais. Esta foi uma via de contribuição para o assunto, mas não foi à única.

Em 2008, fui designado com pastor titular da Igreja do Evangelho Quadrangular do Bairro Jardim Social em Campo Largo, região metropolitana de Curitiba. Esta era uma igreja simples, sitiada na periferia da cidade. O pequeno templo era próprio, construído parte em alvenaria, parte de madeira. Em 2010 começou frequentar a igreja uma adolescente, de uma família muito católica, devotos de N. Sra. Aparecida. A família é conhecida por Tomazina³, inclusive com alguns comércios alimentícios com este nome. Nesta família, tive o privilégio de conhecer e ser conhecido pela maior parte dos integrantes, mas quero destacar um em especial, o Ademir. Ele, assim como os outros é muito devoto, e alguns anos atrás organizou uma excursão a Aparecida como forma de promessa e agradecimento a N. Sra. Aparecida pela realização do pedido de cura da esposa, que havia contraído uma doença no cérebro, segundo eles, decorrente do verme do porco⁴. Depois deste início, todos os anos, religiosamente ele organiza as viagens, freta ônibus (agora já são dois e

³ Tomazina não é um nome ou sobrenome, mas o nome da cidade de origem, situada no Norte do Paraná

⁴ Cientificamente conhecida como Neurocisticercose e popularmente como “bicho do porco”, cujas causas são além da carne de porco, frutas ou verduras contaminadas.

não mais um), controla os pagamentos parcelados e pagos através de carnês. É, ele mesmo quem faz as cobranças e leva para peregrinação dezenas de fiéis e entre eles alguns turistas religiosos. Nem mesmo o divórcio de sua esposa (que melhorou), o fez abandonar o projeto que segue sem interrupções. Mas, vamos tentar pensar este assunto baseados em referenciais teóricos.

O número de literaturas nas mais variadas áreas de concentração das ciências humanas que tratam o tema catolicismo é rica com muitas especificidades e com elevado material produzido. O Brasil, ostentando o posto de país católico e com o Santuário Nacional de N. Sra. Aparecida em Aparecida-SP, trata-se daquele que recebe o maior número de peregrinos e turistas no mundo, entorno de um culto mariano (PINTO, p. 28-29), o que por consequência produziu um corpo respeitado de pesquisadores do tema e robustos resultados de pesquisas.

Início esta etapa, com base no artigo de Carlos Alberto Steil e de Sandra de Sá Carneiro, “Peregrinações, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil” (2008). Os autores partem do princípio da busca pela compreensão de uma espécie de resignificação da crença tradicional católica, graças novas perspectivas de pessoas e grupos de pessoas que promovem modelos próprios de formas de religiosidade que confere modelo produzido uma incorporação de elementos de cunho do mundo moderno, a elementos de crença religiosa originalmente tradicional. Boa parte destas intervenções são promovidas por agentes públicos e privados que contribuem para fomentar uma demanda de indivíduos. Estes novos estilos de relação com a crença, ganham sentido espiritual e ao mesmo tempo turístico (STEIL & CARNEIRO, 2008, p. 105-106).

Somados isso, os autores trazem alguns dados que nos interessam, para definição de uma forma de peregrinação que embora seja a mais convencional, não é dela que se baseia a nossa abordagem. Portanto, o trabalho dos autores se concentra numa espécie de peregrinação que vem se definindo no Brasil, segundo eles, desde o final do século XIX e início do século XX em vários estados brasileiros, e que tem como inspiração e modelo “a peregrinação de Santiago de Compostela, na Espanha”. Embora exista toda uma estrutura entorno dos peregrinos para dar suporte e lucrar com os serviços envolvendo empresas de turismo, com

toda a infraestrutura que a acompanha, e muitas vezes contando com o apoio estatal (STEIL & CARNEIRO, 2008, p. 107), as peregrinações com esta formatação possui uma etapa que realmente é composta pela ação de colocar os pés no chão e percorrer um trajeto estabelecido. Como falamos, nossa abordagem a partir do referencial católico no tocante a abordagem peregrinação, leva em consideração formas de deslocamento de pessoas que estão vinculadas a uma crença baseada na tradição ou no afeto, ou ambos, cujo percurso é realizado até o centro físico de sua devoção, de ônibus e não a pé. Os próprios autores abrem caminho para outras formas de abordagens ao fazer a própria colocação:

Fiéis à perspectiva antropológica, entendemos que é preciso evitar definições rígidas e absolutas, pois a compreensão do que é uma peregrinação ou um turismo religioso não pode ser antecipada. Ela precisa ser etnográfica, ou seja, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que observa. (STEIL & CARNEIRO, 2008, p. 109).

Portanto, embora seja necessário partir de algum lugar, saberes precisam ser construídos dentro da própria pesquisa, e neste sentido, alguns conhecimentos podem ser corroborados, outros desdobrados, outros refutados e outros novos podem surgir, mas fato é, que jamais adotarão uma postura inerte.

Dentro desta linha, considera-se que peregrino não é aquele que necessariamente caminha por vários quilômetros para estabelecer algum tipo de vinculação com o sagrado, mas pode ser aquele que utiliza meios de transporte para o mesmo fim. Neste sentido, a dissertação de mestrado em antropologia social, “Aparecida: espaços, imagens e sentidos” (2015) de Adriano Santos Godoy, que contou com a orientação de Ronaldo de Almeida, embora tenha uma particularidade no estudo sobre o tema, justamente por ter adotado uma postura de observação como morador da cidade de Aparecida e não acompanhando caravanas, acaba fazendo algumas abordagens no texto que devem ser requisitadas. Uma destas é sua pontuação sobre romeiro e peregrino como termos aparentemente distintos, mas na verdade, tem a mesma finalidade. Segundo Godoy (2015, p. 38-39), romeiro é um termo adotado por todos seus informantes como sendo o que eles eram, porém o termo romeiro está

etimologicamente ligado a Roma na Itália, enquanto, peregrino está em Portugal. Outro ponto é a separação entre aquilo que os peregrinos fazem e o turismo religioso. Para ele não deve haver segregação entre as práticas:

Outros procuram fazer distinção entre ambas argumentando que peregrinação envolve uma viagem com motivo religioso para um centro espiritual do mundo interior, ao passo que o turismo é lúdico e envolve movimento para a periferia do mundo. Mas os sentimentos que motivam os viajantes ou surgem nas destinações são frequentemente flexíveis, reveladores e muito pessoais. De fato, considerações etnográficas recentes sobre a relação entre turismo e peregrinação demonstram que não é nem possível nem aconselhável fazer uma distinção abstrata ent[r]e eles. (GRABURN, 2009, p. 31 *apud* GODOY, 2015, p. 39).

A citação – parafraseando a definição do que é um romeiro, lembrando que Godoy relatou que tem o mesmo sentido de peregrino – apresenta a peregrinação como forma de viagem religiosa para algum lugar, que não o local de origem. Sendo assim, peregrino “é aquele que não reside nem trabalha em Aparecida/SP, mas que está lá” (GODOY, 2015, p. 39).

Ainda pensando as abordagens peregrino e turismo religioso, lançando mãos de outro pesquisador que embora a área de conhecimento não seja as ciências sociais, mas a geografia, as contribuições de Andrei Guimarães Pinto são relevantes para o assunto em pauta. Assim, sua dissertação de mestrado em geografia defendida em 2006, pela Unesp de Rio Claro/SP, sob o título “O turismo religioso em Aparecida (SP): aspectos históricos, urbanos e o perfil dos romeiros”, tem a vez neste momento. O pesquisador aponta que em várias partes do mundo, acontecimentos específicos iniciavam formas de cerimônias religiosas a Maria, cujos desdobramentos sistemáticos resultavam em devoção ao culto mariano. Tais acontecimentos faziam com que, pequenas comunidades, passassem receber milhares de pessoas, consequentemente, transformando-os em grandes centros de peregrinação, exigindo assim, a construção de estruturas para atender as demandas de pessoas ou grupos

de pessoas. Este fenômeno religioso aconteceu com a “cidade-santuário de Lourdes situada nos Altos Pirineus, na França”; com a cidade-santuário de Fátima “que era uma pacata paróquia de Leira localizada a 100Km ao norte de Lisboa” em Portugal (PINTO, 2006, p. 23) e é claro, Aparecida. Lembrando que a pesquisa foi concluída em 2006, portanto, os dados aqui representados certamente são outros, mas a título de informação, a cidade de Aparecida que contava na época com uma população de pouco mais de 35.000 habitantes, convivia com um fluxo de 8,5 milhões de visitantes, anualmente (PINTO, 2006, p. 29). Além disto, voltando ao assunto de início do parágrafo, e que nos interessa, ou seja, a questão da peregrinação e do turismo religioso. Para o pesquisador tanto a peregrinação quanto o turismo religioso têm em comum as viagens e motivações religiosas, mas se difere em parte da ação. Nos termos do autor:

A diferenciação entre o turista religioso e o peregrino está basicamente na utilização do tempo livre, pois, o peregrino exerce seu compromisso religioso e retorna ao seu lugar de origem. Já o turista procura utilizar seu tempo livre conciliando seu compromisso religioso a uma atividade lúdica (PINTO, 2006, p. 29).

Creio que ficou delineado que, a forma de peregrinação que esforçamos em construir é a de um peregrino que se desloca para um centro religioso, percebido como sagrado para os participantes, que se deslocam de sua cidade de origem em direção a Aparecida (SP), com finalidades específicas de crença religiosa envolvendo a devoção em N. Sra. Aparecida, e que se encaixam nos tipos de ação social irracional, weberianas. É notório que neste cadinho está um comportamento que não remete a ação social irracional weberiana, mas sim a ação social racional. É com base nas reflexões sobre a CCB, que será problematizado este tipo de racionalidade de motivação da ação.

2. Peregrinação na Congregação Cristã no Brasil para construção de templos

Não muito diferente do ocorrido em relação à apreensão de conhecimentos por nossa parte, no tocante ao catolicismo, o Santuário



Nacional de N. Sra. Aparecida e a cidade de Aparecida (SP), aconteceu em relação ao conhecimento sobre o comportamento dos membros da Congregação Cristã no Brasil. Vamos desenvolver o assunto.

O conhecimento substancial sobre o assunto, sobre a análise do comportamental dos adeptos da referida denominação, na construção de templos, vem sendo construído nos últimos 12 meses. Foi dentro deste período que iniciamos algumas inserções em duas obras em andamento, sendo uma em Porecatu – cidade onde retiramos a maior parte dos dados pesquisados – e a outra em Florestópolis – cidade distante aproximadamente 13 km de Porecatu. Neste sentido, existe uma linha de pretensões e de prioridades dentro de nossa pesquisa, dos quais a construção de mecanismos de racionalidade, a observação comportamental dos adeptos e a forma de desenvolvimento da liturgia nos cultos em diferentes cidades e de estados, têm sido a princípio priorizadas na coleta de dados. Mas, outras abordagens aparentemente menos relevantes vêm sendo realizadas, ora porque não podemos coletar dos nossos informantes, somente aquilo de desejamos, pois a falta de atenção por parte do pesquisador em relação a assuntos que para o pesquisado são importantes, pode interferir e até comprometer à relação com o(s) mesmo(s), ora porque dados devem ser coletados, ainda que a princípio pareçam desconectados ou até mesmo sejam descartados. Geralmente, o tempo mostra o valor de dados irrelevantes na pesquisa.

Relacionado a este assunto, hoje percebo que foi graças a observações e coletas aparentemente desconectadas, que foi possível montar uma moldura como quem, de posse das muitas peças monta um quebra-cabeças. A primeira delas foi algumas visitas às obras nas duas cidades que já mencionamos. Em regra, estas construções são realizadas nos finais de semana e feriados, pois os envolvidos na construção têm outras atividades laborais nos dias úteis. Todo trabalho é voluntário, seja dos homens que na construção, seja das mulheres que vão para as cozinhas, que geralmente ficam nas próprias obras. São nestes espaços que são feitos o café da manhã, almoço e café da tarde.

Existe todo um cuidado em preservar a integridade da denominação e dos trabalhadores voluntários. Em relação aos cuidados com a Igreja, acredito que o mais significativo seja o livro ponto de trabalho voluntário. Cobra-se a todos na Obra, a assinatura do livro no

dia que estão trabalhando. Esta ação tem como objetivo de refutar possíveis reivindicações indenizatórias trabalhistas no futuro próximo ou remoto. Na obra, existe uma notória harmonia: não há discórdias ou disputas, nem pressão por produção. Além disto, segurança no trabalho e a utilização de Equipamentos de Proteção Individual são prioridade, trabalho este, realizado de forma profissional, pois existe sempre um mestre responsável pela Obra, em um contexto que cada qual sabe qual sua área de atuação, e aqueles que não possuem profissão, trabalham como ajudantes, mas ao mesmo tempo, tem a oportunidade de aprender um ofício. A faixa etária é variada, porém é mais comum entre os homens ter mais de 50 anos. Muitas vezes, membros da própria denominação, mas residentes em outras cidades, agregam-se aos membros da igreja local para dar uma potencializada na construção.

Uma entrevista com um Cooperador chamado João, responsável pela Congregação Cristã no Brasil na cidade de Santos Dumont, mostra que esta prática é adotada neste segmento religioso. Além, de nossa parte, apresentamos esta atitude como uma forma racionalizada de peregrinação, pois existe uma vinculação religiosa, percebida pelos atores como uma forma de agradar e agradecer ao sagrado, mas que possui objetivos definidos de realização e satisfação pessoal. O relato que segue nos fornece uma ideia do que acontece na prática. Nas palavras do Cooperador João,

[...] aqui mesmo em Santos Dumont, esta igreja aqui, veio 52 irmãos. O que era para fazer em dois anos, foi feito em três dias: sábado, domingo e segunda. Terça-feira passaram a régua no que era para fazer em dois anos. Cinquenta e dois irmãos, entendeu?⁵ Lá em São Paulo, sempre fez este movimentos. Um dia lá em São Paulo, um irmão anunciou que iria construir no norte de Minas [...]. Construir uma igreja e que estavam com

⁵ Realmente a Igreja foi construída em um período muito reduzido de tempo. Na época da construção, o pesquisador não havia dado nem mesmo os primeiros passos em direção à formação acadêmica. Nem mesmo em direção a graduação, quanto mais a pesquisa. Porém, foi possível acompanhar a construção (realizada na década de 90), pois esta ficava próximo da casa de seus pais. Tecnicamente, sabe-se que na construção civil, o tempo é parte do processo, sobretudo, os trabalhos que envolvem concreto, que pode levar até quinze dias para secagem completa de Lages, colunas e vigas. Três dias, impensável.

bastante necessidade. E lá, tinha um Juiz congregado⁶. E na [...] Congregação ele é visto simplesmente como um servo de Deus. Não muda nada. Eu não vou tratar na Congregação, você melhor porque é um magistrado. Jamais! Você assentou no banco, você é um testemunhado, ou ouvinte, ou é um servo de Deus domesticado⁷. Somente! Não é porque você é Juiz, que você tem que ter um tratamento diferente de um analfabeto. Não muda nada, você entendeu? E, este irmão Juiz que estava congregado, ouviu anunciar [e disse]: ‘Ó irmão, eu não podia ir com vocês lá nesta missão.’ O irmão falou: ‘Óh irmão, já está cheio, mas se o irmão quiser ir com o seu carro, vamos juntos!’ O Juiz se alegrou. [...] Este Juiz, sabe o que ele estava fazendo? Ele não sabia fazer nada. Um daqueles irmãos que estava ali, responsável pela obra, disse: ‘Ó irmão Zé, você quer puxar aquela areinha daqui pra ali?’. Só pra dar um servicinho pra ele. Aí ele foi puxando de vagarzinho, carregando aquele carrinho, puxando. [...] (Entrevista realizada em dezembro de 2018. Grifo nosso).

Em Santos Dumont, na época da construção, cheguei ver pessoalmente, caravanas de carros. Outras vezes vinham em um ônibus fretado. Em Porecatu, conversando com um e com outro, é possível escutar relatos de pessoas que vem do estado de São Paulo, para dar sua contribuição, o que faz desta prática, algo internalizado como ato comum para este segmento sociorreligioso, e que, assim como outros hábitos, possivelmente são reproduzidos em todo o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que a apresentação do texto seja útil para fomentar a reflexão entorno das pontuações realizadas e também sobre os objetos de pesquisa, sobretudo, a Congregação Cristã no Brasil. De forma geral, no que se refere tanto ao catolicismo tradicional, quanto a outras formas de catolicismo popular, o montante de pesquisas realizadas e em andamento

⁶ Que fazia parte do rol de membros daquela igreja.

⁷ No sentido de doméstico da fé, ou seja, uma pessoa que faz parte da casa.



é expressivo. O mesmo se dá para as religiões de matriz africana e do pentecostalismo, quando se volta para as neopentecostais, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus. Sendo assim, além do nosso esforço em deixar nossa própria contribuição, existe também o de incentivar outros pesquisadores a fazer do mesmo com a CCB.

Outro ponto apresentado no texto é o das peregrinações. Na proposta aqui apresentada o peregrino é aquele que sai de sua cidade e se desloca para outro local geográfico por motivações religiosas. Neste sentido, tanto pode ser o católico que vai para Aparecida para o exercício de sua devoção, quanto pode ser o adepto da Congregação Cristã que sai de sua casa e de sua Igreja, viajando para outra cidade com o objetivo de construir um novo templo. Ainda nesta linha, devemos considerar que, para se configurar uma peregrinação, não é a distância percorrida a configuração a ser considerada. Ou seja, peregrinar é sair de Campo Largo no Paraná e viajar mais de 600 km em direção a Aparecida, tanto quanto partir de São José dos Campos que está a menos de 100 km de distância da mesma cidade, desde que a motivação seja a mesma: ir ao Santuário Nacional de N. Sra. Aparecida, exercer sua fé, com ou sem turismo religioso. Também não é a multidão de pessoas que confirma o que é peregrinação. O mesmo acontece quando voltamos nossa lente para a Congregação. Não é a distância, nem mesmo o volume de pessoas que vai definir a peregrinação, mas a motivação. Neste caso ela é, sobretudo, religiosa: o fato de se desejar agradar a Deus, ser um instrumento do divino para construir a Casa para receber os seus santos filhos, ou de acreditar que este tipo de trabalho pode contribuir em uma maior intimidade com o sagrado, que pode servir como redução do débito, ou aumento de crédito, ou ambos. Isso é percebido como algo puramente espiritual. Mas existe outro lado desta relação que nos interessa particularmente, é o fato de toda esta devoção ser também racional. Portanto, quando se pretende construir um templo e esta pretensão se transforma em ação racionalizada, algumas atitudes ora percebidas como espirituais sedem espaço para a ação social em relação a fins, ou seja, inaugurar um templo por dia – é claro que não estamos referindo a dias da semana ou do mês, pois geralmente os templos são inaugurados nos domingos – ou em relação a valores, pois nada e nem ninguém pode tirar o prazer de ter contribuído na edificação desta(s) ou daquela(s) Igreja. Mas, retornemos mais um pouco no catolicismo.

Talvez o leitor esteja se perguntando ou até mesmo tenha se esquecido sobre uma possível ação racional envolvendo as peregrinações dentro do catolicismo: *É notório que neste cadinho está um comportamento que não remete a ação social irracional weberiana, mas sim a ação social racional.* Muito bem, vamos ao assunto!

Uma citação de um trecho da entrevista com a Dirlei – mas é por todos conhecida como Fia, e até onde sei, exceto o marido Valdeci, ninguém a chama pelo nome –, selecionada dentro de várias outras falas, pode subsidiar o que estamos falando, pois a riqueza de detalhes engloba o que estamos tentando mostrar. A resposta foi obtida na interlocução. De acordo com a Fia:

A gente que presta um pouquinho mais de atenção, a gente vê que ali é uma mistura muito grande. Uma mistura de *aproveitamento de fé* das pessoas, de *comércio de dinheiro*, *mas é uma concentração de fé muito grande*. Pelo menos, a gente sente quando está dentro lá da Basílica, daquela sala de milagres. Sabe? Aquela que o pessoal deixa lá os objetos que usaram, mas que foram curados. É um negócio enorme, de uma *devoção* à mãe que foi denominada o nome de *Aparecida*, a Maria assim, é muito grande e *não tem como você não sentir alguma coisa diferente*. Principalmente quando você vê a *emoção* das pessoas, aquilo que elas acreditam. Eu, já faz *tanto tempo*, então pra mim *não é muita novidade eu ir lá*, né. Então a gente começa a ficar prestando atenção nas coisas que acontece lá: o comportamento das pessoas, *a emoção da pessoa que está indo pela primeira vez*. É bem interessante. (Entrevista com a Fia de Campo Largo, maio de 2019. Grifo nosso).

Sabemos que uma pessoa ou grupos de pessoas podem sair de sua cidade e se deslocar para Aparecida com o objetivo, exercer sua devoção. Sabemos também que um indivíduo ou grupos de indivíduos podem fazer o mesmo, mas aproveitar este momento para passear, fazer turismo religioso. Mas existe neste cadinho, outro público, que embora tenha um vínculo religioso – pois dificilmente haverá um evangélico no meio deste – e que exerça seu

momento de fé, parte para esta viagem com motivações econômicas. Falamos de pessoas que fazem parte do grupo, mas que a motivação é comprar produtos para si ou para revender a outros. Entre outras possibilidades, a Capital da Fé, também fornece um amplo comércio ambulante de compras e aqueles que vão com esta finalidade agem de forma racional em relação a fins e não apenas uma ação tradicional ou afetiva.

Seja como for, o campo de pesquisa sempre estará de portas abertas para que seus clientes pesquisadores venham conhecer e adquirir os seus produtos. Isto é tão racional quanto um devoto que vai as compras com fins objetivos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRESPIN, Jean. **A tragédia da Guanabara**. Tradução Domingos Ribeiro, Norma Cristina Guimarães Braga e Suzana Klassen. São Paulo-SP: Editora Cultura Cristã, 2007.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. **A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista**: aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo-SP, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução Fanny Wrobel; Revisão técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores, 1978

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 5ª edição. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997

GODOY, Adriano Santos. **Aparecida**: espaços, imagens e sentidos. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2015



PINTO, Andrei Guimarães. **O turismo em Aparecida (SP):** aspectos históricos, urbanos e o perfil dos romeiros. Dissertação de mestrado em Geografia. Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro-SP, 2006

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. In. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n° 28, vol 1, 2008, p 105-124.

TAVOLARO, Douglas. **O Bispo:** a história revelada de Edir Macedo. São Paulo-SP: Editora Lafonte, 2007.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª edição, 4ª reimpressão, vol. I. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2015

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Guanabara, 1982.